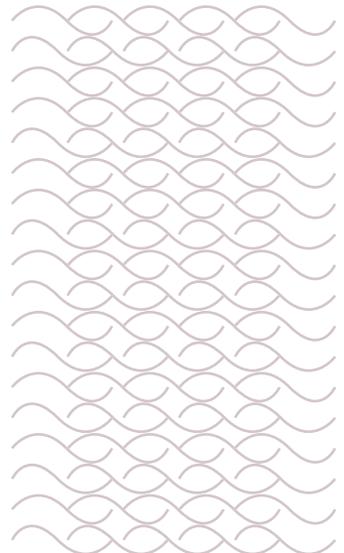


TESE



TIS HÊ OUSIA; (Que é substância?) – O problema da substância a partir da última aporia de B da *Metafísica* de Aristóteles

Autor: Gabriel Geller Xavier – UFSC

O problema da substância a partir da última aporia de B da *Metafísica* de Aristóteles

Giovanni Vella

Faculdade Paulus de Comunicação – FAPCOM
<giovanni.vella@fapcom.edu.br>

A metafísica de Aristóteles, proposta pelo filósofo grego como ciência das causas primeiras, é uma ciência buscada ou precisamente fundamentada sobre princípios que a destacam como “a sapiência mais divina e digna de honra” (*Metafísica*, 983 A 5-10)? Nestor Luis Cordero, em seu livro *A invenção da filosofia*, explica que embora seja evidente que o grande discípulo de Platão entenda seu projeto teórico como “uma disciplina especial, nova, inédita que se ocupará do ser enquanto ser”, a complexidade das questões epistemológicas que sua proposta carregava o convenceu a não atribuir nome algum a sua inédita disciplina (CORDERO, 2011, p. 186). Por isso, é preciso entender num sentido amplo como Aristóteles considera a metafísica uma ciência buscada (*Metafísica*, 982 A 4-5-). Assim Cordero:

Não apenas ele a busca, como em frequentes referências ao passado, Aristóteles considera que também os filósofos anteriores a buscaram, e que inclusive ele é apenas a etapa final de um longo caminho que começou com “os primeiros que filosofaram”. Nunca se chegou a uma conclusão (e por isso segue-se buscando-a), porque o “objeto” que se persegue, o ser, é tremendamente escorregadio. (CORDERO, 2011, p. 187).

As últimas palavras de Cordero introduzem bem a feliz tese de doutorado de Gabriel Geller Xavier, premiada pela Anpof, em 2018. Este trabalho acadêmico entra, com efeito, entre as tentativas sempre atuais de refletir sobre os fundamentos teóricos da ciência primeira, indicada por Aristóteles também como uma “teoria da substância” (*Metafísica*, 1069 a 18). Assim, o centro da pesquisa está precisamente enunciado no título: o problema da substância, cujo princípio ontológico orienta as reflexões do filósofo. O problema da substância se apresenta, na proposta do autor, quando o termo é estudado em sua ambiguidade estrutural, a partir das reflexões problemáticas avançadas pelo mesmo Aristóteles nas últimas páginas do livro B de sua *Metafísica*.

Assim, está claro que tentar uma elucidação fundamentada do como deve ser pensado o “eterno objeto de pesquisa: que é o ser” (*Metafísica*, 1028 b 2- 7) leva sempre, e Aristóteles mostra-se ciente disto, a enfrentar inevitáveis e persistentes ambiguidades reflexivas. Perante este quadro problemático, com o intuito de delimitar o campo de própria reflexão, o premiado trabalho acadêmico apresenta, em suas primeiras páginas, um ordenado levantamento das principais questões hermenêuticas em torno da *Metafísica* de Aristóteles, enfrentadas pelas últimas três gerações de estudiosos no último século.

Na primeira geração destaca-se a crítica do neokantiano Paul Natorp à proposta aristotélica de unir filosofia e teologia como objetos distintos numa única ciência. Em posição de destaque também a proposta de Werner Jaeger, que levantou a hipótese de uma linha genética destacável na *Metafísica*. Segundo o filólogo alemão, nessa obra Aristóteles realizaria um gradativo distanciamento da doutrina teológica do seu mestre Platão, para definir uma própria filosofia primeira mais ligada à investigação do mundo a partir da realidade das substâncias sensíveis.

A segunda geração de estudiosos aristotélicos, cujos grandes intérpretes foram Pierre Aubenque e G. E. L. Owen, investigou a tentativa do estagirita de fundamentar uma Ciência Geral do Ser, alimentando o debate acerca da possibilidade ou impossibilidade de encontrar em sua obra um projeto ontológico unitário. Em sua leitura, Aubenque – na reconstrução do autor da tese – privilegiaria a tese de que Aristóteles, como um pensador mais aporético e problemático do que estruturado, ciente de que o objetivo final das próprias investigações – a ciência do ser – seria “eternamente procurado”, enquanto impossível de ser alcançado num único projeto epistemológico.

Em posição contrária o galês G. E. L. Owen, mais favorável com relação à possibilidade de se erigir uma ciência geral do ser na obra aristotélica, a partir de uma interpretação fortemente baseada na análise da linguagem e de seus desdobramentos no percurso do pensamento do Estagirita.

Se na reconstrução do autor estes são os posicionamentos hermenêuticos prevalentes na segunda geração de estudiosos, o objeto de estudo da terceira geração poderá ser o conceito de substância, central no projeto aristotélico assim como da tese de doutorado do nosso autor. Assim o mesmo Gabriel Geller Xavier:

Provavelmente tal investigação seja uma das mais importantes da obra de Aristóteles, pois trata da principal categoria, daquela que viabiliza a ciência do ser enquanto ser possibilita a demonstração científica, em última análise, possibilita o conhecimento; é, por assim dizer, a categoria da realidade primária.

O autor adverte que, embora a relevância filosófica da noção de substância seja inquestionável, “no entanto, o consenso entre os intérpretes com relação ao que seja, de fato, substância está longe de ser atingido”. Assim, estudar a noção de substância significa assumir um próprio posicionamento hermenêutico entre as questões enfrentadas pelas duas gerações anteriores de estudiosos de Aristóteles. De fato, um estudo sobre a substância implica

saber que tipo de ente seria o objeto de estudo da Metafísica, ou seja, “qual será a extensão do termo substância”. E essa é uma questão a ser enfrentada no horizonte do debate da compatibilidade entre ontologia e teologia. Mas se a ciência do ser enquanto ser é a ciência da substância, “então, a ontologia (a questão do ser) está condicionada à substância”, sendo que é a substância (ser primeiro) que traz em torno de si as demais categorias. Dito de outra forma, em termos aristotélicos, a ontologia é um estudo sobre a substância.

Assim, é dentro desse quadro hermenêutico que se entendem os objetivos de pesquisa da tese acadêmica vencedora do prêmio da Anpof. Seu primeiro capítulo começa apresentando o quadro complexo das críticas de Aristóteles à doutrina platônica das ideias e se encerra apresentando a problemática central do trabalho e questionada pelo mesmo Aristóteles na última das aporias (problemas) apresentadas no livro B da *Metafísica*: “se os princípios são universais ou particulares”. A questão – explica o autor – “parece demandar sobre os princípios das substâncias sensíveis, portanto, estaria questionando sobre se a substância de cada coisa é universal ou individual”.

A resposta ao problema posto encontra uma tentativa de resposta no capítulo seguinte, em que se analisam, no livro Z da *Metafísica*, os seguintes temas: a substância como ser primeiro, os sentidos de substância; a substância como, essência e forma: a substância como universal (*tò kathólon*). O objetivo do autor é demonstrar como, a partir principalmente da última aporia do livro, o projeto metafísico esboçado em G ganha uma sequência exitosa em Z.

Em conclusão, a pesquisa de Gabriel Xavier procura investigar como, na noção de substância proposta na *Metafísica* de Aristóteles, converge a primazia ontológica e lógica para se constituir como ser primeiro em ambos os sentidos. Em outras palavras, como a substância pode ser ao mesmo tempo objeto de conhecimento e portadora de essência.

Referência bibliográfica

CORDERO, Néstor Luis. **A invenção da filosofia**: uma introdução à filosofia antiga. Tradução de Eduardo Wolf. São Paulo: Odysseus, 2011.

Data do envio: 30/09/2020

Data do aceite: 19/10/2020

Dados do autor:

Giovanni Vella

<http://lattes.cnpq.br/0611145256790081>

Doutor em Filosofia pela PUC/SP (2019). Mestre em Filosofia pela Faculdade São Bento (2013), graduação em Filosofia pela Università la Sapienza di Roma (IT). Jornalista profissional de 1996 a 2018 e professor de Filosofia Antiga na FAPCOM – Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação.

